



TEATRO
NACIONAL
S. JOAO

TEATRO CARLOS ALBERTO
7—11 MAR 2023

ESTREIA

ter+qua—11:00
qui+sex—15:00
sáb—19:00



Uma Ideia de Justiça

texto

Isabel
Minhós
Martins

direção

Joana
Providência

cenografia
Cristóvão Neto

figurinos
Cátia Barros

música
Ana Bento
Bruno Pinto

desenho de luz
Tiago Silva

apoio à voz
Maria do Céu Ribeiro

apoio ao movimento
Daniela Cruz

operação de som
Ana Moreira

ilustração
Carolina Gaessler

formação em Língua
Gestual Portuguesa
Cristiana Ferreira

direção de produção
Glória Cheio

interpretação e cocriação
Joana Mont'Alverne
Joana Petiz
Rina Marques

coprodução
Teatro do Bolhão
Teatro Aveirense
A Oficina
Teatro Nacional São João

apoio
**Campus Paulo Cunha
e Silva**

dur. aprox. 45'

Conversa com os
artistas no final de
cada récita

Espectáculo em
português e em
Língua Gestual
Portuguesa

Audiodescrição +
Sessão Descontraída
11 Mar

NA RAIZ DE UMA IDEIA DE JUSTIÇA

JOANA PROVIDÊNCIA

Quem procura uma relação justa com a pedra, com a árvore, com o rio, é necessariamente levado, pelo espírito de verdade que o anima, a procurar uma relação justa com o homem. Aquele que vê o espantoso esplendor do mundo é logicamente levado a ver o espantoso sofrimento do mundo.

Sophia de Mello Breyner – *Arte Poética III*

O desafio permanente lançado por Sophia de Mello Breyner é o tema deste espetáculo. A ideia de justiça e, naturalmente, a urgência de apontar a injustiça nas suas múltiplas faces, são o seu ponto de partida. Esta criação problematiza a justiça, que nos parece muitas vezes enganosamente imediata, enganosamente inevitável, enganosamente segura, até ao momento em que testemunhamos a presença da injustiça, e percebemos então que aquela carece de cuidados permanentes.

“As leis são como teias de aranha que prendem os fracos e pequenos insetos, mas são rompidas pelos grandes e fortes”: a interpelação milenar de Anacársis ecoa no mundo contemporâneo com uma desconcertante pertinência.

Durante o processo, fomos auscultar os meninos e as meninas do primeiro ciclo da Escola das Flores. Foi realmente enriquecedor ouvir as suas vozes reclamarem por pequenas injustiças cometidas no recreio, entre colegas, e mesmo na relação com os adultos, tanto em casa como na escola. Foi surpreendente perceber que, na maior parte das situações, mesmo os mais pequenos reconheciam de uma forma clara os momentos em que sentiram injustiça. Já quando os questionámos sobre os momentos em que sentiram que se fez justiça, ou em que tinham sido justos, tornou-se bastante mais difícil para estes meninos e meninas encontrar situações e momentos inequívocos sobre como concretizar uma ideia de justiça.

Ainda no contacto com estas crianças, lançámos a proposta de imaginarem uma árvore da injustiça e, a partir daí, pensarem que palavras se encontravam na raiz e nas folhas dessa árvore. Todos aderiram de forma imediata e genuína, rapidamente a sala se encheu de dedos no ar, e rapidamente a árvore se cobriu de palavras como: mentir, machismo, inimigo, faltar ao compromisso, excluir, não ter liberdade de expressão, guerra, luta, tristeza, falta de respeito, não escutar. Em relação à árvore da justiça, as palavras lançadas foram: partilhar, igualdade, salvar o mundo, diversidade, liberdade, paz, harmonia, fazer o bem, amizade.

Nesta complexa procura sobre o que é a injustiça e a justiça, o mais importante é colocarmo-nos no lugar do outro, ou dos outros, e nessa relação com o mundo somos levados a redimensionar a nossa noção de injustiça e, por consequência, de justiça.

Uma Ideia de Justiça aborda questões tão relevantes como a diversidade, a escolha, a igualdade, a liberdade, sendo de destacar que a própria criação do espetáculo se revê como ferramenta de construção de justiça, ao integrar em cena a Língua Gestual Portuguesa, procurando uma maior e mais real proximidade a públicos diversos.

QUE FOME DE JUSTIÇA É ESTA QUE SINTO AO ACORDAR?

ISABEL MINHÓS MARTINS

Aproximamo-nos da folha de papel para perguntar “o que é a justiça?” e a resposta – uma resposta que à partida parecia tão fácil – não chega imediatamente. Talvez porque a justiça seja como o ar que respiramos: está em todo o lado, cruza todos os aspetos da nossa vida, mas só quando sentimos a sua ausência é que se torna mais palpável. Talvez também porque a pergunta “o que é a justiça?” seja uma daquelas perguntas prestes a dar à luz uma ninhada de perguntas novas: justiça é termos todos as mesmas coisas? É cada um ter as coisas de que precisa? É tirar aos que têm mais para

dar aos que têm menos? E é justo que tenham todos o mesmo? O que é ser justo?

Quando a Joana Providência me convidou a escrever sobre o tema, pensei imediatamente em trazer para o palco uma mesa. A mesa não só é um lugar que todos os miúdos conhecem, como é também um lugar, e não apenas simbólico, de acesso: à comida, à palavra, à opinião, à decisão, ao voto, ao poder (e à sobremesa, claro). Podemos ver a mesa e nunca a alcançar. Podemos aproximar-nos dela e não haver cadeiras para todos. Podemos ter cadeiras, mas elas não servirem a nossa altura, as nossas necessidades. Podemos chegar e encontrar apenas restos. E depois podemos deslocar-nos para o tempo anterior, aquele em que a mesa ainda nem sequer estava posta, para pensar noutras questões: quem fez a lista dos convidados? Que critérios presidiram à escolha? E ainda: quem lava a louça no final? E o que acontece aos que partem a loiça toda?

Todas estas perguntas são filhas da pergunta-mãe que deu origem a este espetáculo. É bem possível que a Joana tivesse já uma ideia da vastidão do tema quando me fez o convite, porque o espetáculo trazia já um título – *Uma Ideia de Justiça* –, como que a lembrar que há muitas ideias diferentes sobre o assunto e que, apesar da aproximação, nunca abarcaremos todo o mundo que pode sair deste tema.

Enfim, o primeiro texto que escrevi não correu da melhor maneira. Acho que me esqueci de que a Joana trabalha essencialmente como coreógrafa e, só depois de um par de boas conversas, me apercebi de que o espetáculo pedia um texto menos narrativo e talvez mais poético, um texto mais solto e só assim capaz de perseguir essa Ideia de Justiça que procurávamos. Um texto que contribuísse com perguntas, que trouxesse alguns momentos marcantes da nossa História comum, um texto que desafiasse o corpo das intérpretes, um texto que interrogasse o próprio corpo. E é assim, de facto, que o espetáculo começa, perguntando:

Somos um corpo no mundo.
Um corpo a andar por aí.
O corpo fala? E em que línguas?
O corpo move-se? E em que direções?
Que mundo queremos para este corpo?

Que corpo precisamos para este mundo?
O corpo dá-se ao mundo.
O corpo grita pelo mundo.
O corpo manifesta-se.
Escutemos o que tem para nos dizer.

A certa altura, depois de escutar as conversas (difíceis, mas lindas!) que a Joana teve com meninos de turmas de escolas do Porto, decidi virar a pergunta ao contrário:

Se me perguntarem “o que é a justiça?”
Não é assim tão fácil chegar a uma definição.
Já a injustiça, quando a sinto na pele,
Consigo tão bem dizer o que é:
Tristeza, raiva, impotência,
Mas acima de tudo uma vontade enorme
De reparar qualquer coisa mal feita.
Qualquer coisa em desequilíbrio.
Qualquer coisa caída ao chão, em cacos.
Como um olho negro, magoado,
Como um corpo que coxeia.

O texto foi crescendo, o espetáculo também. Não conseguimos abarcar tudo, é claro, mas podemos adiantar-vos, sem estragar muito a surpresa, que teremos em palco um elevador avariado (que não desce até à cave), um armário com pares de sapatos iguais para toda a gente (será que o n.º 43 vos vai servir?), ou uma corrida em que os atletas não partem todos da linha de partida...

E uma mesa, claro.

PERGUNTAS PARA FAZER CAMINHO

RAQUEL S.*

Ter uma ideia de justiça – ou uma ideia do que é a justiça – não é coisa fácil. Enquanto conceito, é uma ideia que foge, que escapa, e que parece não se deixar prender facilmente. É-nos mais fácil saber onde a justiça falta, onde ela não existe: perante a injustiça, a ideia de justiça ganha mais corpo e torna-se palpável enquanto algo que falta, que não está, que não acontece. Podemos tentar pensar no que é justo imagi-

nando um mundo: não o mundo atual, com tudo aquilo que falta e sobra, com todas as pessoas que não estão ou estão onde não devem, com todo o espaço que falta ou que é tomado, com o tempo que nos falta e que tantas vezes nos é negado. Talvez a justiça se possa pensar através de uma ideia de mundo a caminho, um mundo a ser um dia: uma ideia de mundo que torna claro aquilo que não faz parte dele.

É extraordinariamente difícil encontrar uma imagem precisa do que pode ou não ser a justiça, ou um mundo justo, mas é ao olhar à nossa volta que conseguimos ir percebendo o que ainda não é, ainda não está: o que é preciso mudar. Se a justiça é como um caminho, ou se é esse mundo à nossa espera no futuro, como é que este caminho se faz? Que ações, que ideias, que escolhas é que dão passos em direção a ele? Que ações, que ideias, que escolhas nos afastam cada vez mais de viver num mundo justo?

Em *Uma Ideia de Justiça*, através das palavras de Isabel Minhós Martins, Joana Providência procura comunicar a possibilidade destes futuros possíveis mais justos, partindo da ideia de que somos um corpo no mundo. Ser um corpo no mundo implica que sejamos muitos corpos, muito diferentes. Implica que cada um tenha a potência de criar mundos possíveis: todos os corpos inventam mundos, querem mundos, têm fome de justiça. Não são só feitos de carne e fome e sede, mas também são feitos de ideias, de imagens de passados, de futuros; de imagens do presente, do agora, todas diferentes umas das outras, porque todas são criadas a partir de pontos diferentes na paisagem. E todos os corpos, com todas as suas infundáveis ideias, podem imaginar mundos justos para o futuro e apontar no presente e no passado injustiças e faltas.

Uma Ideia de Justiça faz muitas perguntas. Coloca a questão da mobilidade social (ou da imobilidade social a que tantos corpos no mundo são condenados à partida) construindo uma imagem de um elevador que nunca faz o caminho todo, que não vai à cave, deixando muitos na batalha diária com as escadas e outros confinados no escuro, a dar murros na porta. Uma corrida pode ser uma forma de pensar o privilégio, de criticar ideias de mérito que esquecem que não partimos todos do

mesmo sítio, que não dispomos dos mesmos recursos, do mesmo tempo, de corpos iguais. Mesmo se o caminho se faz a correr muito, a meta fica sempre mais longe para umas pessoas do que para outras.

Muitas das questões propõem que repensemos o conceito de igualdade: é exatamente isto que procuramos, no mundo justo? É isto que nos falta, termos todos acesso às mesmas coisas, às mesmas oportunidades, mesmo as que não nos servem – como os sapatos número 43?

Voltemos ao início: somos corpos no mundo e, ao ser corpos no mundo, somos corpos todos diferentes, precisamos de coisas diferentes em alturas diferentes, e a igualdade não chega, não resolve. Precisamos que todos os corpos tenham lugar, porque é dos corpos todos que se faz um mundo diverso e complexo: e só assim justo.

Estas e outras questões acabam por desembocar na justiça climática, que reclama ardentemente que esse mundo justo do futuro venha mais cedo: porque é urgente. É agora. E já é agora há muito tempo. Já é agora desde que os povos originários da Amazônia, por exemplo, avisaram acerca da destruição dos rios e das árvores, e conceberam formas de existir que não implicam a urbanização completa do planeta. Não foram ouvidos. Já era urgente há uma eternidade de cinco anos atrás, em 2018, quando a adolescente sueca Greta Thunberg se manifestou com um cartaz em frente do parlamento do seu país, dando assim início a um movimento em que adolescentes de todo o mundo fizeram greve às sextas-feiras para se manifestarem pelo clima, o Fridays For Future: Sextas-feiras pelo Futuro. Sextas-feiras para fazer caminho; sextas-feiras para ir contra a lentidão com que o futuro teima em chegar, preso em interesses e em lucro. Sextas-feiras para trazer para perto o amanhã que, ainda assim, como diz o lema, já vem demasiado tarde.

Uma Ideia de Justiça propõe uma abordagem em que estas perguntas não ficam penduradas no ar à espera de um dia irem cair em cima da cabeça das pessoas certas. No espetáculo, as perguntas são um motor para pensarmos como é que o nosso corpo – com as nossas ideias e necessidades, com as nossas diferenças e particularidades, com as nossas capacidades

e faltas –, como é que o corpo que somos pode encontrar lugares de intervenção contra a injustiça, formas de a apontar, de a mudar.

Como é habitual no trabalho da coreógrafa, texto e movimento cruzam-se para chegar a uma forma de comunicação viva, que encontra cores e formas na cenografia de Cristóvão Neto, nos figurinos de Cátia Barros e na luz de Tiago Silva. Desta vez, no entanto, a língua portuguesa falada parece não ser suficiente para o que se quer dizer, para a urgência das questões. As gerações do futuro – as crianças – são já as gerações do presente, são o agora: são deste lugar, deste mundo em que queremos intervir e que exige já questionamento acerca da diversidade de quem está na plateia, de quem tem acesso. Quem vem ao teatro? Para quem falamos? Como se compõem as plateias e o que diz uma plateia acerca do mundo em que vivemos?

Nem toda a escuta se faz pelo ouvido, e este projeto foi concebido, desde a génese, como um dispositivo que inclui a Língua Gestual Portuguesa nas suas formas expressivas, nas interpretações de Joana Mont'Alverne, Joana Petiz e Rina Marques. Acompanhadas por Cristiana Ferreira, tomaram nos seus corpos a tarefa de aprender a comunicar nesta língua oficial portuguesa, trazendo para a cena, para o centro, a necessidade de pensar a acessibilidade, explorando ainda o potencial expressivo da língua gestual e tornando sensível também a música de Ana Bento e Bruno Pinto.

Se somos um corpo no mundo, é pelo nosso corpo que podemos intervir nesse mundo, e criar espaços para o mundo que queremos inventar. E, se os corpos são todos diferentes, precisamos que todos eles existam, possam prosperar, possam intervir no mundo, para que uma ideia de justiça não seja só uma ideia, mas se torne, um dia, no presente, no agora.

Uma Ideia de Justiça parece usar as perguntas para fazer caminho, propondo à plateia pensar: “Que passos é que eu posso dar?”

É que ainda faltam muitos.

* Dramaturga, encenadora e dramaturgista.

produção executiva
Eunice Basto

direção de palco
Emanuel Pina

adjunto do diretor de palco
Filipe Silva

direção de cena
Cátia Esteves

luz
Filipe Pinheiro (coordenação),
Adão Gonçalves, Alexandre Vieira,
José Rodrigues, Marcelo Ribeiro,
Nuno Gonçalves

maquinaria
Filipe Silva (coordenação),
António Quaresma, Joel Santos, Jorge Silva,
Lídio Pontes, Nuno Guedes, Paulo Ferreira
som **Joel Azevedo** (coordenação),
Leandro Leitão

língua gestual portuguesa
Marisela Simões/CTILG, Lda.

audiodescrição
David Salvado/Anaisa Raquel
– Produções Unipessoal, Lda.

APOIOS À DIVULGAÇÃO



AGRADECIMENTOS TNSJ

Câmara Municipal do Porto
Polícia de Segurança Pública
Mr. Piano/Pianos Rui Macedo

Edição
Teatro Nacional São João

coordenação
Fátima Castro Silva

fotografia
João Tuna

design gráfico
Pedro Nora

impressão
Empresa Diário do Porto

Não é permitido filmar, gravar ou fotografar durante o espetáculo. O uso de telemóveis e outros dispositivos eletrónicos é incómodo, tanto para os intérpretes como para os espectadores.

www.tnsj.pt